

## RESENHA

**Laura Taddei Brandini**

[laura@uel.br](mailto:laura@uel.br)

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. Campinas: Autores Associados, 2011

No universo dos estudos literários, a teoria se constitui, hoje, como uma verdadeira floresta amazônica composta por um emaranhado de autores, correntes de reflexão, conceitos e instrumentos críticos de análise, na qual professores e estudantes com frequência se perdem cada vez que são obrigados a nela se embrenhar. Desvia-se da teoria literária quando se pode fazê-lo: as disciplinas universitárias que levam esse nome são, muitas vezes, cursos de análise literária, nos quais se pratica a simples aplicação ao texto de uma corrente teórica já domesticada ou reduzida a fórmulas para uso imediato. A teoria literária transforma-se, portanto, em prática, e evita-se arriscar-se entrar num mato sem cachorro.

O mérito primeiro do recém-lançado *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica* (julho de 2011), do professor da Unicamp Fabio Akcelrud Durão, reside em fornecer a professores e estudantes um mapa de grande parte da área ocupada pela floresta da teoria literária e que hoje responde pela teoria literária americana, ou simplesmente Teoria. O livro, embora não se proponha a ser um manual e sim uma introdução, é didaticamente organizado em capítulos dedicados a definições, ao contexto de surgimento, a exemplos e às repercussões da Teoria no

Brasil, a confecção de cada um deles constituindo por si só um desafio de monta.

Definir a Teoria é bastante complicado pela pluralidade de discursos que se ocuparam e se ocupam de tal tarefa. O Autor é obrigado a selecionar pontos de vista diferentes, porém complementares, a fim de dar conta das várias facetas – algumas contraditórias – que compõem a Teoria. Citando inicialmente Fredric Jameson, Jonathan Culler e Vincent B. Leitch, o Autor expõe diferentes percepções da Teoria, respectivamente: como uma filosofia; como um conjunto infinito de temas que não mais necessariamente correspondem a o que até então se entendia por “texto literário”; como tudo isso acrescido da compreensão de ordem histórica segundo a qual a Teoria seria um sinônimo de pós-estruturalismo (DURÃO, 2011, pp. 8-12). De maneiras distintas, tais concepções convergem para o mesmo ponto: a Teoria é “resultado de uma exacerbação dos metadiscursos da teoria literária, que agora passam a constituir um campo (semi)autônomo” (DURÃO, 2001, p. 13).

Essa autonomia em relação ao literário se dá porque a Teoria tem na transdisciplinaridade sua base. Tal característica, quando levada às últimas consequências – o que vem acontecendo há tempos e com grande frequência, sobretudo nos Estados Unidos –, acaba por tomar o lugar do literário e se instala no coração do objeto de estudo. O caráter literário da Teoria, portanto, deixa de ser primordial, pois seu objeto passa a ser qualquer coisa – avalizado pela concepção de que todo saber é uma construção e, por conseguinte, passível de análise e de crítica. Fundamenta esse ponto de vista a moderna visão do Texto, sintetizada por Roland Barthes em “Da Obra ao Texto” (1971): depois de “A Morte do Autor” (1968), o Texto passa a ser visto como uma estrutura autônoma, geradora de sentidos e cuja referencialidade é minimizada. A consequência direta dessa revolução de paradigmas – a significância não mais emanando de um Autor, mas de uma estrutura de linguagem, denominada Texto – é a transformação de toda linguagem em Texto, tudo sendo passível de se tornar objeto da Teoria. A ilustração desse fenômeno responde pela criação *ad infinitum* de objetos de estudo, tão em moda atualmente: *cultural studies*, *queer studies*, *post-colonial studies*, *subaltern studies*, *disability studies*, *Afro-American studies*, *latino/a studies*, *Jewish studies*, *film and media studies*, etc., etc., etc. (DURÃO, 2001, p. 14).

Muitas vezes erigindo como objeto produções de minorias até então sem voz no *mainstream* acadêmico, a Teoria tem como mérito descobrir novos segmentos de estudos, potencialmente interessantes, uma vez que prenhes de novos olhares sobre os problemas examinados em Humanidades. Entretanto, a radicalização ideológica com

que frequentemente são conduzidos fazem com que tais estudos instrumentalizem seu caráter crítico em prol de interesses de grupos. Por mais legítimas que sejam as causas defendidas, sobretudo pelas minorias – o que não está em questão –, há que se destacar o papel subalterno desempenhado pelo método analítico em relação à ideologia que envolve o objeto.

Método e objeto, portanto, têm suas posições trocadas em algum lugar entre a leitura crítica e o posicionamento ideológico, com a desculpa de que todos os sentidos aventados irradiam do Texto, portador do saber máximo da Teoria. Essa inversão de papéis – no estruturalismo ortodoxo a metodologia era pré-concebida e aplicada ao objeto, independentemente de suas características – faz com que o método fique a serviço da ideologia veiculada no Texto, o que resulta em uma multiplicidade dos códigos interpretativos, segundo o Autor. Pois cada objeto passa a ser o responsável pelo valor do estudo que ele gera: um objeto pouco conhecido alavanca um método interpretativo – que ele engendra em proveito da ideologia nele predominante – à categoria de novidade, concedendo-lhe, assim, um lugar ao sol graças a seu ineditismo. Isso ocorre mesmo que o dito objeto não seja tão rico de significações a ponto de se constituir como fundador de uma nova teoria, ou que a teoria acabe se valendo dele somente como um suporte para sua própria autossuficiência. Em ambos os casos, prevalece a leitura forçada, onde se encontram significados que o objeto não tem ou se atribuem a ele qualidades que, na realidade, pertencem somente à teoria a partir da qual ele é lido.

Depois de colocar a Teoria no microscópio e descrever seu funcionamento interno, o Autor a reinsere em seu contexto de surgimento e distingue três ideias que nortearam os debates teóricos nos Estados Unidos, nas últimas décadas. A primeira ideia reza que “a Teoria, por si só, não se sustenta” (DURÃO, 2011, 35), ou seja, ela não existe em si, mas como um conglomerado de objetos e de métodos de leitura heterogêneos, diversos, muitas vezes contraditórios ou incoerentes. A Teoria não preza pela convergência, mas pelo amontoado de diferenças. Multicultural e a serviço de ideologias, a Teoria acaba por se sobrepor a seus objetos: conta menos aquilo que se analisa do que o que dele se escreve. E, com o pretexto de dar voz às minorias e resistir ao poder hegemônico exercido pelas grandes universidades e pelo sistema acadêmico de um modo geral, a Teoria elege como objetos produtos da indústria cultural e discursos firmemente ancorados no presente, os testemunhos, pois acessíveis a todo o mundo tanto como materialidade quanto como temporalidade.

A segunda ideia fundamental nas discussões sobre a Teoria parece, inicialmente, um grande paradoxo: “a Teoria aparece como mais digna e legítima quando vista sob as lentes de seus detratores tradicionalistas” (DURÃO, 2011, p. 40). Ao anunciar o funeral da grande literatura, os autores saudosos passam a culpar a Teoria pela morte da literatura, esquecendo-se de que a crise de que tanto se fala (William Marx, Antoine Compagnon, Jean Bessière, Alain Finkielkraut, Tzvetan Todorov, para ficar somente na bibliografia de língua francesa) é mais uma crise de leitura do que de literatura: a literatura tem menos valor no mundo de hoje porque se lê menos; o que está diretamente relacionado à concorrência dos outros meios de comunicação. A literatura, portanto, não soube se adequar à nova realidade e por isso tem perdido espaço há décadas. A Teoria, por contragolpe, constituiu-se como uma grande inovação no campo dos estudos literários, revitalizando seus objetos e seus métodos, conferindo-lhes o compasso de seu tempo.

A terceira ideia constantemente em questão sempre que se trata da Teoria também adquire ares paradoxais à primeira vista: “a Teoria se alimenta de algum tipo de exterioridade” (DURÃO, 2011, p. 52). Se, por um lado, a Teoria tem como uma de suas bases o textualismo, a independência do Texto face ao Autor e a seu referente, por outro Durão deixa claro como a ideologia presente no Texto – elemento que lhe é exterior – acaba por sujeitar toda proposta de método e, muitas vezes, oblitera o próprio objeto.

A produção em série de teorias e de métodos analíticos, por sua vez, está em consonância com a tendência americana que prevalece nas instituições de ensino superior do mundo todo, segundo a qual há que se publicar resultados em quantidades cada vez maiores. Nas palavras do Autor, “(...) a teoria literária, por sua vez, ao propor formas de leitura, produz bens duráveis; a Teoria, por fim, fabrica aparatos interpretativos, bens de produção” (DURÃO, 2011, p. 29).

A Teoria, portanto, está em fina sintonia com seu tempo, em que a competitividade entre as universidades por maior produção, e conseqüentemente mais verba e mais prestígio, faz com que não haja grande preocupação com aquilo que se produz, mas somente com sua quantidade. Segundo o Autor, “É isso que explica a facilidade com a qual tantas teorias ‘radicais’ puderam ser incorporadas ao sistema acadêmico estadunidense, pois revigoraram o material de produção intelectual” (DURÃO, 2011, p. 70). Nesse contexto perverso em que estrategicamente dá-se voz àqueles que nunca a tiveram para não ouvir o que eles têm a dizer, estabelece-se um falso diálogo, uma falsa pluralidade, são concedidas ou conquistadas falsas liberdades, uma vez que “A concepção

de cultura para os Estudos Culturais adequa-se perfeitamente a isso, pois se trata de uma ideia sem alteridade. Quando tudo é cultura, não há esfera alguma que possa funcionar como seu outro” (DURÃO, 2011, p. 71).

A realidade brasileira segue a mesma cartilha sem, no entanto, igual grau de sofisticação, pelo menos até o momento. Por aqui, as exigências de produtividade, embora em franco crescimento, ainda não atingiram os parâmetros estadunidenses. Mas o Autor observa dois fenômenos que anunciam a supervalorização do aparato teórico em detrimento dos objetos, principal característica do império da Teoria: a leitura de teorias por elas mesmas, sem se ter conhecimento das obras literárias que as inspiraram; e a dissociação entre o objeto de estudo e a teoria que nele se aplica (DURÃO, 2011, p. 111). Muito comuns, ambas as práticas evidenciam a rapidez com que se deve produzir textos quando se integra um sistema cujo apanágio é a quantidade: não há tempo para se debruçar sobre as fontes das teorias, conseqüentemente a relação entre texto literário e teoria interpretativa se perde e predomina o modelo de leitura segundo o qual toda teoria pode ser aplicada a qualquer texto, como se este fosse uma massa amorfa à espera de sua forma.

Como remédio, Fabio Durão aponta dois procedimentos: analisar a teoria como se analisa uma obra literária, buscando sua narratividade, seus pontos de clímax, seus atores principais, o desenlace; e restituir a voz às obras literárias, ouvindo-as cuidadosamente para delas extrair o aparato teórico que conduzirá a interpretação. Convergentes, os caminhos indicados para se evitar que o acadêmico – estudante ou professor – se perca na selva infinita da Teoria apontam para a volta do objeto ao centro do processo exegético. Tais caminhos, entretanto, contêm duas particularidades, a *desaceleração* e o *esquecimento*, nos termos do Autor (DURÃO, 2011, p. 118). O caminho da desaceleração assemelha-se a um percurso cheio de obstáculos que obrigam aquele que o percorre a diminuir sua velocidade, detendo-se com vagar em cada nova situação. Ele implica no olhar atento ao objeto de análise, na escuta de suas demandas, na manipulação de suas características. A rota do esquecimento faz com o que o viajante se dispa de sua bagagem de conhecimentos, que tendem a se sobrepor ao objeto, com a mesma finalidade da desaceleração: para que o objeto fale por si e para que o exegeta consiga ouvi-lo. Suas vozes devem estar em harmonia para que a análise não seja artificial ou imposta à revelia do objeto.

Concepção analítica idealista, envolta em ares tradicionais: contra o pragmatismo da produção a qualquer preço – mesmo que este seja alto e custe o próprio sentido –, Fabio Durão prega uma volta ao Texto, como outrora Barthes o fez. Sua proposta, contudo, não deixa de ser atual por

sua antimodernidade, sobretudo quando entendemos por modernidade a submissão da leitura a valores estranhos à literatura.